

TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA - CONHECENDO ESPAÇOS ALTERNATIVOS

Gabrielly Severino de Mello¹ (Unisecal)
Rayane Rodrigues Machado² (Unisecal)
Rosangela de Fatima Martins Silveira³ (Unisecal)

Resumo: O espectro autista é amplo dentre os sintomas, a gravidade e as características de cada criança, a inclusão do autista em sala de aula requer adaptações e estratégias diferenciadas e isso promove desafios. O presente trabalho tem como objetivo analisar os espaços alternativos para o aluno com TEA – Transtorno Espectro Autista e para a realização da pesquisa de cunho bibliográfico, autores como Vygotsky (1993), Wing (1979) e Kanner (1943) foram essenciais para o desenvolvimento e entendimento dessa temática. Foi uma pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa de cunho descritivo realizada a campo na APROAUT – Associação de Proteção aos Autistas, localizada em Ponta Grossa – PR, a qual foi utilizado como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturado, que contou com a participação da coordenadora pedagógica e do diretor da instituição. Os resultados apontam de que para atender esses alunos é fundamental conhecer cada indivíduo para preparar materiais didáticos adaptados de acordo com as necessidades individuais.

Palavras-chave: Autismo. APROAUT. Espaços Alternativos.

AUTISTIC SPECTRUM DISORDER - DISCOVERING ALTERNATIVE PLACES

Abstract: The spectrum of autism is broad in terms of symptoms, severity and characteristics of each child. The inclusion of autistic people in the classroom requires adaptations and different strategies that end up promoting challenges. The present work aims to analyze alternative places for students with ASD – Autism Spectrum Disorder and to the making of a bibliographical research, authors such as Vygotsky (1993), Wing (1979) and Kanner (1943) were essential for the development and understanding of this topic. This is a bibliographical research with a qualitative approach of a descriptive nature carried out in the field at APROAUT – Association for the Protection of Autists, located in Ponta Grossa – PR, which used a semi-structured interview script as a data collection instrument, which included the participation of the pedagogical coordinator and the director of the institution. The results indicate that to serve these students it is essential to know each individual to create teaching materials adapted to individual needs.

Keywords: Autism. APROAUT. Alternative places.

1 INTRODUÇÃO

O TEA (Transtorno Espectro Autista) afeta diretamente na comunicação, interação social, e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). É considerado um espectro pelo fato de apresentar diferentes graus de intensidade e a forma em que se apresenta em cada indivíduo. O Autismo se apresenta frequentemente na infância, não há cura, porém, terapias comportamentais e educacionais auxiliam no desenvolvimento da comunicação, interação social, habilidades de comunicação e qualidade de vida. O presente artigo apresenta uma pesquisa de campo qualitativa de cunho descritiva realizada na Associação de Proteção ao Autista (APROAUT). Além da pesquisa de campo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica.

¹ Acadêmica curso de Pedagogia – mellogabrielly1306@gmail.com

² Acadêmica curso de Pedagogia – rayanerodmac333@gmail.com

³ Professora orientadora, Pedagoga, Especialista em PSICOPEDAGOGIA rosangela@professorsecal.edu.br

O campo de pesquisa, APROAUT, possui uma escola para alunos com TEA, a Esperança. Nela são atendidos alunos que possuem autismo acima do grau 2 e mais alguma comorbidade.

Com o objetivo de analisar os espaços disponíveis para o autista dentro dessa instituição, a pesquisa foi realizada por meio de observação e entrevistas com profissionais da Escola, buscando compreender as estratégias adotadas para a promoção da inclusão e bem-estar desses indivíduos, bem como identificar pontos possíveis de melhoria.

O objetivo principal da pesquisa de campo foi conhecer a estrutura da Associação e analisar os resultados obtidos. É notório a necessidade de um ambiente arejado, com espaços diferentes para o desenvolvimento do aluno com TEA. O estudo busca compreender como a instituição vem desenvolvendo suas ações para com seus alunos portadores de TEA, e como é a estrutura da Escola Esperança, escola esta pertencente à associação, bem como identificar as principais dificuldades no processo de ensino-aprendizagem e as estratégias definidas para superá-las.

A Escola Esperança não possui fins lucrativos, seus professores são assalariados pela SEED, e quando necessário, a rede municipal de ensino de Ponta Grossa, envia professores para fechar o quadro de funcionários e fornece a alimentação. A verba recebida é baixa, por esse motivo realizam constantemente eventos para levantar fundos para escola, com esses fundos realizam a compra de ventiladores, bebedouros, etc.

Para a realização da pesquisa deste artigo alguns autores foram essenciais para o decorrer da escrita. Wing (1979) declara que com relação ao espectro é incrível que limites fixos podem ser estabelecidos com relação ao autismo, pelo motivo de que o indivíduo pode apresentar características autistas, mas não o suficiente para ser diagnosticado com o Transtorno Espectro Autista.

Vygotsky (2014), a aprendizagem “[...] é um processo puramente externo, paralelo, de certa forma ao processo de desenvolvimento da criança”, ou seja, significa que a aprendizagem ocorre por meio da interação da criança com o ambiente e com outras pessoas. Vygotsky ressalta que a criança aprende de forma mais significativa quando envolvidas em atividades colaborativas, onde interagem com demais indivíduos e ocorre a troca de conhecimento.

O artigo apresenta o desenvolvimento, com estudo do TEA; entendendo o trabalho com o autista; Direitos da Pessoa com Autismo, metodologia; Análise e discussão de resultados; considerações finais e referências.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ESTUDANDO SOBRE O TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA

O autismo também conhecido como TEA (Transtorno Espectro Autista) é uma condição neurológica que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico, afetando a forma como a pessoa interage socialmente, se comunica e processa informações.

O termo “espectro” é utilizado por conta da diversidade de sintomas e características que variam amplamente de pessoa para pessoa, tornando cada indivíduo único dentro do espectro. Esse termo foi inserido em 2013 ao nome do transtorno autista. Um relatório publicado em março de 2023 pelo CDC (Centers for Disease Control and Prevention), 1 em cada 36 crianças aos 8 anos de idade é diagnosticada com TEA, representando um aumento de 22% em relação ao estudo divulgado em 2021, que apresentava a estimativa de 1 em cada 44 crianças diagnosticadas com autismo

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

[...] se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva.

Leo Kanner publicou um artigo em 1943, denominado como “Transtorno Autístico do Contato Afetivo” demarcando como principal característica a incapacidade, desde a primeira infância de se relacionar com outras pessoas, caracterizando esse quadro como “autismo extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia”, relacionando-os com fenômenos da linha esquizofrênica.

Em 1949, Kanner passou a chamá-lo de “Autismo Infantil Precoce”, pois os sinais já eram perceptíveis nos primeiros dois anos de vida, ficando assim conhecido como o “pai do autismo” e se tornando referência no segmento.

Apesar das nomenclaturas, o autismo ainda era um assunto desconhecido na literatura médica americana, sendo popularizado nos anos 60 com muita confusão sobre as causas do mesmo. Analisando apenas o ponto de vista social esse período da história ficou marcado como a era da “mãe geladeira”, que atribuía a origem do autismo a mães emocionalmente distantes de seus filhos.

Com popularidade da tese, Bruno Bettelheim, que não tinha formação na área psicológica/médica, chegou a ser considerado um dos maiores psicólogos infantis do mundo,

após publicar em 1967 o livro intitulado “A fortaleza vazia”, baseado em sua experiência no cuidado de crianças autistas na Escola Ortogênica, comparando os pais de crianças com autismo aos guardas nazistas de campos de concentração.

O contraponto da comunidade médica para ambos os autores, referente a teoria da “mãe geladeira” se deu ao fato de que muitas mães de autistas também tinham outros filhos que não apresentavam o transtorno, mostrando que o autismo era um transtorno neurológico encontrado em todos os grupos socioeconômicos e étnico-raciais.

Após alguns anos, em 1978 surge o psiquiatra inglês Michael Rutter, propondo uma nova definição do distúrbio, acreditando que o mesmo deveria ser separado da esquizofrenia infantil e tratado como um transtorno mental único, definindo-o dessa forma com quatro critérios essenciais:

- Atrasos e desvios sociais;
- Problemas de comunicação;
- Comportamentos incomuns;
- Início dos sintomas antes dos 30 meses de idade.

Em paralelo a Rutter, a pesquisadora Lorna Wing, também estava desenvolvendo pesquisas que iriam mudar a visão do mundo sobre o autismo. Com o nascimento de sua primeira filha, que foi diagnosticada com autismo na década de 1950, Wing trocou sua especialização na faculdade de medicina para psiquiatria infantil. Em 1962 Lorna fundou a National Autistic Society, uma das mais importantes associações de autismo do Reino Unido.

Lorna Wing contribuiu com sua proposta para o conceito do que hoje se entende por espectro, segundo ela não é possível estabelecer limites fixos entre o autismo, por conta daqueles que apresentavam características autistas, mas que não eram o bastante para que se recebessem o diagnóstico.

Existem quatro tipos de manifestações do TEA, cada uma com suas próprias características e diferenciações. Dentre elas encontramos a Síndrome de Asperger ou também chamado de “autismo de alto funcionamento”, sendo diferente do autismo clássico pois o indivíduo não apresenta atraso na fala, por outro lado possui dificuldades com simbologias, palavras de duplo sentido e interpretação de sinais não verbais.

Como segunda manifestação temos o “Transtorno Invasivo do Desenvolvimento”, sendo uma categoria mais grave do que o Asperger, apresentando dificuldades de interagir socialmente, comprometimento da linguagem verbal, movimentos repetitivos diante de situações consideradas tensas, lembrando que os sintomas são distintos variando dependendo do paciente. Na terceira manifestação do autismo temos o “Transtorno Autista”, em geral ele diagnóstico logo

na infância, pois traz sintomas graves, como: atraso na fala; dificuldade em realizar pedidos usando a linguagem, utilizando geralmente do apontamento para os objetos ou pessoas; falta de contato nos olhos quando fala.

Entre as manifestações de autismo o “Transtorno Desintegrativo da Infância”, essa é a mais delicada e a mais rara, pois o paciente sofre uma regressão, resultando na perda das habilidades intelectuais, linguísticas, motoras e sociais, e incapacidade de recuperá-las. Normalmente, o diagnóstico é realizado na infância.

Além dos tipos de autismo, também há variações nos níveis de gravidade. O autismo leve, conhecido também como grau 1, é caracterizado pela dificuldade de interação e socialização, repetição de frases ou palavras, dificuldade na comunicação e alterações de comportamento. O moderado é aquele em que a criança evita o contato visual, possui sensibilidade sensorial, possui algum objeto que tem preferência e não se interessa por outros, além de brincar e se comportar de forma diferente: passa muito tempo deitado no chão, anda na ponta dos pés, além de, não aceitar companhia em suas brincadeiras ou atividades.

2.1.1 Entendendo o Trabalho com o Autista

A inclusão do autismo em sala de aula requer adaptações e estratégias diferenciadas e isso promove novos desafios, pois o espectro é amplo dentre os sintomas, a gravidade e as características das crianças, diante disso, é fundamental conhecer cada aluno para preparar materiais didáticos adaptados de acordo com as necessidades individuais.

Os espaços para os autistas necessitam ser um ambiente organizado, com poucos estímulos visuais e sonoros para evitar a sobrecarga sensorial, e até mesmo desencadear uma possível crise do autista, buscando um ambiente seguro a fim de que ele se sinta confortável e confiante para aprender e se desenvolver.

A rotina e a previsibilidade também são importantes para o indivíduo com o espectro autista, pois auxiliam na redução da ansiedade, proporcionando um ambiente mais seguro, estabelecendo uma rotina clara e objetiva, tanto para questões escolares quanto para o cotidiano desse indivíduo.

Todos os alunos precisam aprender o mesmo conteúdo em sala de aula, pois a diferenciação de conteúdo não ajuda na inclusão do autismo, ainda que seja necessário realizar adaptações. Partir dos interesses da criança nas atividades, é uma estratégia, para assim atrair a atenção do aluno e conseguir com que ele se concentre nas tarefas por mais tempo, as crianças com autismo podem ter interesses em temas específicos, mas assim como relata a pedagoga da instituição, se faz necessário incluir de forma sutil outros meios de aprendizagens, não ficando

somente naquilo que o aluno possui maior interesse, para que assim ela vá aos poucos abrangendo seu conhecimento e interesses.

Para Vygotsky (2014), a aprendizagem “[...] é um processo puramente externo, paralelo, de certa forma ao processo de desenvolvimento da criança” (p.103), ou seja, a aprendizagem deve estar de acordo com o nível de desenvolvimento da criança, levando em conta não somente o que já aprendeu, mas o que ainda poderá aprender, avaliando seu processo, cada conquista adquirida por ela e não somente focar no resultado final.

A criança com autismo apresenta não somente a dificuldade de relacionar, mas a de falar também, diante disso Vygotsky (1993), apresenta que a fala é um instrumento de mediação, sendo relevante na educação. Apesar de algumas crianças com o transtorno possuírem a ausência da fala, não significa a ausência de pensamento e de aprendizagem, cabendo ao mediador, perceber essas questões e saber ouvir e perceber a forma como a criança se comunica com o mundo.

A criança atrasada, abandonada a si mesma, não pode atingir nenhuma forma evolucionada de pensamento abstrato e, precisamente por isso, a tarefa concreta da escola consiste em fazer todos os esforços para encaminhar a criança nessa direção, para desenvolver o que lhe falta. Nos atuais métodos das escolas pode-se observar uma benéfica mudança a respeito do passado, que se caracterizava por um emprego exclusivo de meios visuais no ensino. Acentuar os aspectos visuais é necessário, e não acarreta nenhum risco se se considerar apenas como uma etapa do desenvolvimento do pensamento abstrato, como meio e não como um fim em si (VYGOTSKY, 2014, p.113).

Ao se referir a criança com autismo, se faz necessário compreender que possuem um processamento educacional diferenciado, percebendo as potencialidades dessas crianças para aprendizagem, assim havendo uma adequada mediação. O indivíduo com autismo pode utilizar de elementos visuais e concretos para desenvolver esse pensamento abstrato, porém a interação com seus pares se faz importante nesse processo.

2.1.2 Direitos da Pessoa com Autismo

O transtorno do Espectro Autista, está contido no Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), que assegura e promove condições de igualdade, exercício dos direitos e das liberdades fundamentais. Além do amparo garantido pela Constituição Federal de 1988, na qual o artigo 5º determina que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade.

O final do ano de 2012 foi um marco decisivo em relação aos direitos do autista. A Lei 12.764 de 27/12/2012 determinou que a pessoa com Transtorno Espectro Autista (TEA) é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais. Prevendo o direito ao um acompanhante especializado, desde que seja comprovado a necessidade, além da educação individualizada, de acordo com as necessidades e potencialidades de cada indivíduo, como o Plano de Ensino Individualizado – PEI, que é um direito de todas as pessoas que fazem parte do Transtorno Espectro Autista.

O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), considera em sua lei crianças até doze anos de idade incompletos, e adolescentes entre doze e dezoito anos, na qual os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem.

De acordo com as Leis citadas anteriormente, os principais direitos de pessoas com TEA incluem:

- a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade e a segurança;
- o acesso à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer;
- o atendimento prioritário;
- o acesso ao transporte e à mobilidade;
- a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;
- o acesso a ações e serviços de saúde, incluindo o atendimento multiprofissional, o acesso a medicamentos e as informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;
- o acesso à educação e ao ensino profissionalizante;
- o acesso à moradia, ao mercado de trabalho, à previdência social e à assistência social.

3 METODOLOGIA

A pesquisa se baseia numa abordagem qualitativa de cunho descritivo, não utilizando dados numéricos, realizada a campo na APROAUT – Associação de Proteção aos Autistas, localizada em Ponta Grossa, Paraná.

Pode-se, então, compreender que o estudo qualitativo, de acordo com Ludke (1986, p.18), “[...] é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

A visita a associação foi realizada em 20 de setembro de 2023, no período matutino, tendo como objetivo principal conhecer os espaços da instituição e as atividades desenvolvidas com os alunos, além de analisar como esses espaços e atividades podem ser inseridos e como podem contribuir para os alunos autistas do ensino regular.

O interesse da pesquisa partiu do fato que em alguns momentos o aluno autista da escola regular pode ser excluído no espaço escolar, contrariando dessa forma o que determina a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 em seu Artigo 58°;

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, realizado com o diretor e a pedagoga da instituição, tendo em média a duração de uma hora. Neste artigo, especificamente, serão abordados os resultados de cinco questões discorridas em um texto direto, que enfocam a temática da aprendizagem e das práticas desenvolvidas pela APROAUT.

Mencionamos aqui as questões como foram formuladas: 1. Quantos alunos a Associação atende e qual a faixa etária? 2. Os alunos frequentam a escola regular? 3. Sobre a estrutura, possui algo em destaque que a diferencie das outras escolas? 4. A prefeitura fornece algum auxílio? 5. Como funciona a avaliação com os alunos

A APROAUT é uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, que recebe auxílio da SEED – Secretaria de Estado de Educação. Atualmente atende cerca de 70 alunos, com faixa etária de 4 a 21 anos, dos quais todos possuem laudo de autismo de grau moderado ou severo, e algum outro transtorno ou problema de saúde.

Os alunos que frequentam essa associação, não frequentam outra instituição de ensino, pois a APROAUT também é uma escola, denominada como “Escola Esperança”, que segue os referenciais estaduais. As crianças são encaminhadas para a instituição até o 2º ano de escolaridade, a partir dessa etapa muito dificilmente eles conseguem estar recolhendo essa criança, muitas vezes sendo necessário a família abrir vários inquéritos pelo Ministério Público para conseguir essa vaga.

O diretor e a pedagoga explicaram que a contratação de professores é realizada pela instituição, porém o pagamento é por parte da SEED. Todas as professoras da escola possuem

graduação em Pedagogia e Educação Inclusiva, com exceção das auxiliares que estão concluindo a graduação e os funcionários de serviços gerais.

O trabalho realizado na APROAUT não se diferencia muito do qual é aplicado na rede regular, apenas adaptado para melhor atender cada aluno da instituição. As portas das salas são decoradas pelos próprios alunos com o auxílio da professora, porém o ambiente interno das salas não possui muita decoração, para que não haja uma poluição visual e acabe sendo um gatilho para uma crise por conta do recebimento de muitas informações ao mesmo tempo.

Apesar do prédio possuir uma estrutura improvisada, todas as salas possuem tapetes emborrachados, carteiras e materiais didáticos, além uma área onde realizam as aulas de Educação Física e um parque com brinquedos, a sala do diretor e da pedagoga que são juntas, a sala da secretária, banheiros e a cozinha juntamente com o refeitório. Em cada sala fica no máximo 5 alunos, por conta da estrutura e da dificuldade de estar dando a atenção necessária a cada um.

Diferentemente da Educação Infantil que possui um quadro da rotina diária para toda a turma, os alunos autistas possuem cada um à sua rotina, na qual se encontra sua foto para identificação, e todas suas atividades que serão realizadas ao longo do dia, incluindo a chegada, a saída e até mesmo as seções de terapia. A rotina é importante para se evitar um cotidiano estressante, a pessoa com autismo, de um modo geral, pode não reagir muito bem a mudanças, e por conta disso se sente melhor em saber de forma prévia tudo que acontecerá.

A relação com a família nesse processo possui um papel de extrema importância para a educação e o desenvolvimento das crianças, inclusive as autistas, pois é nesse contexto com a participação de ambas as partes que a criança se desenvolverá a fim de ser tornar independente, em todos os aspectos da vida. A pedagoga relata que no começo sentia dificuldade em estar realizando este trabalho em conjunto com as famílias, pois algumas delas ficavam muito apreensivas com o trabalho realizado e acabavam protegendo demais as crianças, impedindo-as de terem suas próprias experiências e autonomia. Ela explica que com o tempo, vem ganhando a confiança desses responsáveis e realizando o trabalho em conjunto da melhor forma possível para atender cada aluno e família.

Até o momento a Prefeitura de Ponta Grossa fornece o auxílio com a alimentação e a SEED fornece auxílio em outras demandas, porém a escola está sempre realizando eventos com a ajuda da comunidade para arrecadação de dinheiro.

A avaliação diagnóstica é feita diariamente, utilizando o PAI (Plano de atendimento Individual), mesmo com suas especificidades, nota-se que a criança autista, quando chegam a escola também apresentam as características do seu meio cultura e demonstram o aprendizado

prévio, porém nesse caso elas vão demandar de muito mais dedicação profissional para que atinjam o seu nível de desenvolvimento potencial, dando foco, avaliando e valorizando cada parte do processo, cada conquista adquirida por eles.

“Para se trabalhar na educação com autista precisa ter um olhar de amor e colocar o seu coração na frente sempre” (Alexandre Hernandez Roessle – Diretor APROAUT/2023)

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS (OU RESULTADOS E DISCUSSÃO)

A APROAUT é uma associação que visa a valorização do aluno autista, onde atende cerca de 70 alunos, divididos em dois períodos, manhã e tarde. No período da manhã os alunos mais velhos recebem suas aulas, na faixa etária de 12 a 21 anos. No período da tarde quem comparece às aulas são os alunos que possuem entre 4 a 11 anos. As professoras não são as mesmas nos dois turnos, são professoras que trabalham 20h semanais. Algumas dessas professoras são contratadas pela escola, e outras são emprestadas da rede municipal de ensino da cidade.

A escola utiliza o método TEACCH, método este que foi criado em 1960, pelo Dr. Erick Schopler. Traduzindo para o português, a sigla significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficit Relacionados com a Comunicação. O TEACCH tem como objetivo auxiliar os alunos em suas rotinas, na comunicação, controle de comportamento, tarefas estruturadas e organização.

Na Escola Esperança, é utilizado as PECs, que são fichas com atividades e a rotina diária dos alunos. Essas fichas ficam posicionadas em frente as mesas dos alunos, assim, quando uma atividade ou uma etapa da rotina for concluída, o aluno retira essa ficha e compreende que uma etapa terminou e inicia outra (Anexo). As Pecs são utilizadas para aqueles alunos que possuem déficits na comunicação.

A coordenadora pedagógica da instituição relatou que com relação a estrutura, o espaço das salas de aula é pequeno, pois cada sala atende no máximo 6 alunos que são orientados por uma professora e uma atendente. O prédio da Escola Esperança era um imóvel residencial, por esse motivo não é uma estrutura preparada para esses alunos, além de não possuir um ginásio aberto e arejado, que dificulta as atividades em dias mais quentes.

No geral o espaço da Escola é dividido em 3 pavilhões. O Pavilhão 1, piso 1 conta com o prédio principal, com 8 salas de aula e 4 banheiros para alunos e 2 para professores. O piso 2 ou subsolo é o espaço da garagem e um banheiro. No Pavilhão 2 é onde as atividades extras são realizadas, com 5 salas destinadas à coordenação para reuniões, sala de arte, sala de música, sala

de oficina de arte sensorial, secretaria e brinquedoteca. Neste pavilhão também está localizada a cozinha da instituição, refeitório, despensa, lavanderia, banheiro e área ampla para recreação.

O terceiro pavilhão é dividido em 6 salas para atendimentos dos alunos com médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, assistente social, terapia ocupacional, fisioterapia e a sala da direção. Contém um ginásio fechado para as aulas de Educação Física. Recentemente foi iniciado o projeto de uma horta em que os alunos auxiliam na preparação do solo, no plantio até a colheita.

A coordenadora Kátia ressalta a necessidade de tapetes ou pisos emborrachados nas salas de aula, o motivo são as quedas e crises dos alunos, pois muitos possuem a coordenação motora comprometida de forma que sofrem quedas frequentemente, e em momentos de crises tendem a se jogar ou se auto agredir no chão.

Os materiais pedagógicos utilizados pelas professoras são o ABA. O ABA trabalha para o reforço dos comportamentos dos alunos, buscando a melhoria do cotidiano do autista. Os materiais são lúdicos e geralmente com velcros. Ao analisar esses materiais é perceptível a necessidade desses materiais também para a escola regular, são interessantes e chamativos. Auxiliam na alfabetização e letramento dos alunos, na coordenação motora fina e na imaginação.

O trabalho realizado na Escola Esperança é de extrema importância para todos os docentes, não apenas os alunos da instituição, algo que deveria ser trabalhado e levado para outras instituições, pois muitas das vezes alguns professores não estão preparados para trabalhar com alunos com TEA e podem se sentir perdidos em alguns momentos, e com o auxílio desses materiais e ideias que resultem no aprendizado desses alunos e no seu desenvolvimento motor e intelectual.

Os métodos TEACCH e ABA deveriam estar presentes também na escola regular, pois muitos dos alunos autistas dessas escolas não frequentam outra instituição que os auxiliem em seu desenvolvimento, não conhecem e possuem em sua rotina sem novidades. Tendo em vista os benefícios que tais métodos trazem para os alunos da APROAUT, os alunos das escolas regulares também deveriam ter essa oportunidade de conhecer e receber esses benefícios. É necessário apresentar aos professores esses métodos, práticas e atividades realizadas na Escola Esperança. Formações e cursos são necessários e eficazes para aqueles profissionais que trabalham com alunos autistas e muitas das vezes não sabem como realizar o trabalho de inclusão que favoreça o aluno.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos neste trabalho, observa-se que a inclusão nem sempre tem bons resultados, e muitos professores sentem dificuldades nesse processo, observa-se que não basta apenas fazer uma adaptação para atender as necessidades do aluno com autismo, na realidade uma prática pedagógica diferenciada é ir além de ser apenas mediador, é se preocupar com a inclusão escolar do educando.

Durante o processo de pesquisa deparamos com um choque de realidade, na qual tínhamos uma ideia de vivência com autista na educação regular, diferenciada da instituição especializada para alunos com autismo. Um dos pontos que destacamos é a estrutura, de certa forma “precária” da APROAUT, por conta de ser um espaço pequeno para atender tantos alunos que a qualquer momento podem entrar em uma crise, sendo um ambiente fechado com poucos espaços de lazer para os alunos. O espaço da Escola Esperança é improvisado em uma antiga casa, onde apenas 5 alunos são atendidos por sala. O motivo é o pequeno espaço e estrutura das salas de aula da escola, e entendo o espectro, se mais alunos forem adicionados nessas salas, seriam submetidos a situação de aperto e estresse, situações essas que causaram crises dentro da sala.

Na entrevista realizada com o diretor e a coordenadora pedagógica, ambos ressaltam a necessidade de uma estrutura melhor para atender seus alunos de melhor forma, necessitando de pisos emborrachados, salas arejadas, móveis mais modernos, etc. A coordenadora apresenta um desejo que tem de realizar projetos na escola, a qual possui apenas um, de uma horta iniciado por ela, porém, pela baixa verba que recebem, muitos projetos não são realizados

O trabalho realizado pelas professoras é de excelência, pois é perceptível o amor pelo trabalho, e a busca por estratégias para alcançar cada aluno, partindo de suas especificidades, além de não ser um trabalho fácil, tendo que estar preparada para acolher o aluno que a qualquer momento, por inúmeros gatilhos, pode entrar em uma crise. Observando a atuação das professoras no ambiente é perceptível a experiência e excelentes práticas, diferente da escola regular, onde a grande maioria dos profissionais sentem grande dificuldade de trabalhar com o aluno portador do transtorno, por essa razão consideramos o quão importante e necessário é que os professores tenham mais formações e estudos sobre o TEA, para que a inclusão seja eficiente.

A visitação de um espaço projetado especificamente para autistas pode ser extremamente chocante. Essa constatação pode ocorrer tanto para aqueles que não convivem ou possuem pouco conhecimento sobre o espectro autista, quanto para aqueles que já possuem algum contato com indivíduos autistas. Afinal, esse tipo de ambiente destoa do que geralmente é oferecido pela maior parte dos espaços públicos.

A pesquisa teórica também teve suas dificuldades, por mais que houvessem diferenciados artigos e autores que argumentem sobre o assunto, foi difícil encontrar um com o qual nos identificássemos, partindo da ideia dos espaços alternativos para o aluno com Transtorno Espectro Autista e a sua inclusão no ensino regular.

Ainda são necessárias mais pesquisas sobre as práticas pedagógicas efetivas aplicadas pelos professores que trabalham com crianças que fazem parte do espectro autista em sala regular e as adaptações das práticas pedagógicas juntamente com a preparação do ambiente, para o acolhimento e inclusão desse aluno.

No decorrer deste artigo, exploramos diversas questões relacionadas aos espaços para o autista, destacando a importância de ambientes acolhedores e inclusivos para o desenvolvimento e bem-estar das pessoas com autismo. Foi abordado como a estrutura pode desempenhar um papel fundamental na criação de espaços que atendem às necessidades sensoriais e comportamentais dos autistas.

No entanto, é importante ressaltar que cada pessoa com autismo é única e possui necessidades e preferências individuais. Portanto, os espaços destinados a esse público devem ser flexíveis e adaptáveis, considerando as especificidades de cada indivíduo.

O presente artigo nos proporcionou uma experiência enriquecedora e transformadora, saímos da zona de conforto e encarando o desconhecido. Inicialmente o medo e a insegurança era presente em vários momentos, entretanto, se medos não forem superados, conquistas ficam mais difíceis de alcançar. A visitação a um espaço para autistas pode, de fato, ser chocante. Porém, esse choque inicial é uma porta para o aumento das perspectivas e o desenvolvimento da empatia. É fundamental que a sociedade se disponha a conhecer, compreender e, acima de tudo, aceitar as diferenças que nos cercam.

Observamos que um espaço destinados aos portadores de TEA nos leva a refletir sobre a importância de oferecer espaços com condições adequadas e de qualidade para os mesmos. Ao presenciar o funcionamento do local, é possível questionar porque essa proposta inclusiva não é replicada em mais contextos e com a melhoria da qualidade de ensino.

Por fim, devemos sempre buscar promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para pessoas portadoras do TEA. Criar espaços acessíveis, acolhedores e inclusivos é um passo fundamental para que todos possam desfrutar de uma qualidade de vida plena e participar da sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 dez. 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9396/1996.

FREITAS, Emanuele. Ferramenta para o desenvolvimento escolar de estudantes com TEA.

Diversa, 03 abr. 2023. Disponível em:

https://diversa.org.br/artigos/ferramentas-para-o-desenvolvimento-escolar-de-estudantes-com-tea/?gclid=Cj0KCOjw9rSoBhCiARIsAFOiplnhnYYPyWaMBxtseY9CvbPeu4VF8KtCKnfqAfMmqqtXGJ-Yzt0olS4aAnhQEALw_wcB. Acesso em: 18 set. 2023

Estatuto da Criança e do Adolescente: **Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imoresa Oficial, 2002. BRASIL.

KANNER, L. **Austistic disturbances of affective conatct**. New Child, v. 2, p. 217.

LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1989.

MARQUES, Isabela. Meu filho foi diagnosticado com autismo moderado, o que fazer agora?.

Genial Care, 09 jan. 2023. Disponível em:

<https://genialcare.com.br/blog/meu-filho-foi-diagnosticado-com-autismo-moderado-o-que-fazer-agora/>. Acesso em: 21 set. 2023.

MOSKEN, Thaís; ABREU, Tiago, **Introvertendo 151 – LORNA WING**. 07 dez. 2020.

Disponível em:

<https://www.introvertendo.com.br/podcast/introvertendo-151-lorna-wing/#:~:text=Logo%20no%20in%C3%ADcio%20da%20d%C3%A9cada.duradoura%20parceria%20na%20pesquisa%20acad%C3%AAmica>. Acesso em: 20 set. 2023.

RUTTER, M. **Diagnostic Validity in Child Psychiatry**. Advances in Biological Psychiatry, v. 2, 1978.

VECCHIA, Christiane Cordeiro Silvestre Dalla; VESTENA, Carla Luciane Blum.

Aprendizagem Escolar de Crianças com Autismo e as Práticas Pedagógicas Desenvolvidas pelos Professores. **Teoria e Prática da Educação**, v. 23, nº 2, p. 81-98, 2020. Acesso em: 11 nov. 2023

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Obras Escogidas II**. Madri: Visor, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.

In: VIGOTSKI, Lev Semyonovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: ícone, 2014.

Espectro autista: entenda por que é um espectro e como é o transtorno. **Vida Saudável**, 07 nov. 2022. Disponível em:

<https://vidasaudavel.einstein.br/espectro-autista/#:~:text=O%20termo%20%E2%80%9Cespectro%E2%80%9D%20foi%20inserido,o%20%C3%BAnico%20dentro%20do%20espectro>. Acesso em: 18 set. 2023



Quatro médicos que mudaram a visão do mundo sobre autismo. **Autismo e realidade**, 27 nov. 2019. Disponível em:

<https://autismoerealidade.org.br/2019/11/27/quatro-medicos-que-mudaram-a-visao-do-mundo-so-bre-autismo/>. Acesso em: 18 set. 2023

Um breve histórico do autismo infantil. **Sanar**, 22 out. 2020. Disponível em:

<https://www.sanarsaude.com/portal/carreiras/artigos-noticias/colunista-psicologia-um-breve-historico-do-autismo-infantil>. Acesso em: 20 set. 2023.

Os níveis de intensidade do autismo: leve, moderado e severo. **NeuroSaber**, 11 ago. 2022.

Disponível em:

<https://institutoneurosaber.com.br/os-niveis-de-intensidade-do-autismo-leve-moderado-e-severo/#:~:text=AUTISMO%20SEVERO,-%E2%80%93%20O%20indiv%C3%ADduo%20n%C3%A3o&text=Os%20autistas%20n%C3%A3o%20verbais%20j%C3%A1,apresenta%20alta%20inflexibilidade%20de%20comportamento>. Acesso em: 21 set. 2023.

Transtorno do espectro autista. **OPAS – Organização Mundial da Saúde**. Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista#:~:text=Os%20transtornos%20do%20espectro%20autista,apoio%20ao%20longo%20da%20vida>. Acesso em: 22 set. 2023